

SER PROFESSOR: NARRATIVAS SOBRE AS VIRTUDES DE UM DOCENTE A PARTIR DA ÓTICA DE UMA ESTUDANTE

Ana Karollyne Queiroz de Lima ¹
Emerson Araújo de Medeiros ²

RESUMO

Este escrito deriva de um relato de experiência que trata sobre as virtudes de um “bom professor”. O escrito foi produzido dentro disciplina de Didática no Ensino Superior, componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Ensino desenvolvido em cooperação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN e Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA. O texto é dividido em 4 seções, a primeira delas busca apresentar referenciais teóricos acerca do que faz do docente um “bom professor”. Durante a busca se percebeu que não há uma congruência na literatura pesquisada sobre o significado de ser um bom professor. Mas se percebe similaridades entre o que os autores escreveram a esse respeito. A segunda seção apresenta um relato de experiência que trata do tema em foco. Nele a autora fala de uma experiência marcante que vivenciou junto a um docente que considera como sendo um “bom professor”. Na terceira seção, Resultados e Discussões, condensamos o aprendizado alcançado. Por fim, apresentamos as considerações que nos ficaram após a escrita do texto. As nossas considerações finais se condensam em uma pensamento de Rubem Alves “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra”

Palavras-chave: Docência. Profissão Professor. Saberes Docentes

INTRODUÇÃO

O texto que segue trata de um escrito oriundo da disciplina de Didática no Ensino Superior, componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Ensino desenvolvido em cooperação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN e Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA.

Uma disciplina que se propõe a discussão da didática, tanto enquanto campo de estudo, quanto no que tange ao fazer docente propriamente, não poderia se furtar de tratar sobre a prática do docente. Nesta seara de discussões surge um questionamento:

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino/UERN/UFRSA/FRN - RN, karollyne.queiroz@gmail.com;

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino/UERN/UFRSA/FRN - RN , emerson.medeiros@ufersa.edu.br

quais características transformam, aos olhos do aluno, um docente em um “bom professor.”

Neste fulcro, como produto final da disciplina, foi lançado aos alunos o desafio de escrever um relato de experiência sobre uma interação sua com um professor que lhes tenha despertado a sensação de estar diante de um “bom professor”, demarcando suas virtudes. Uma dessas produções poderá ser vista neste escrito.

Este texto apresenta 4 seções, na primeira tentamos buscar bases referenciais sobre o que é ser “um bom professor”, quais características compõem esse profissional, qual deve ser o seu agir. Nomeamos esta seção de **Ser professor: o trabalho docente de um ensinante**. A seção seguinte traz o relato de uma experiência vivida pela autora. Nesta experiência, a autora narra sua vivência com um professor do ensino médio com quem conviveu entre os anos de 2007 e 2008 e que é, para ela, um exemplo de “bom professor”. Esta seção foi chamada de **A matemática do afeto do professor Hebert**. Apresentamos em seguida os resultados e discussões. Por fim, apresentamos as considerações finais acerca do que se discutiu ao longo do texto

Ser professor: o trabalho docente de um ensinante

[...] a tarefa do ensinante, que é também aprendiz, sendo prazerosa é igualmente exigente. Exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional, afetivo. É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar.

(Freire, 1997 p. 8)

É com este pensamento inspirado e inspirador de Paulo Freire que abrimos esta seção onde se pretende falar sobre as virtudes de um bom professor. Não é tarefa fácil descrever o que seria um bom professor, nem quais virtudes seriam essas, dado que tudo isso é deveras subjetivo. Por isso, este texto talvez tenha pouco a oferecer em objetividade e muito a oferecer em intimidade.

Para Cunha (2010), o conceito de um “bom professor” não tem uma explicação única, o que há são expectativas por parte de alunos e professores sobre o desempenho que o professor deve ter dentro das instituições de ensino.

No contexto educacional atual, o desenvolvimento da docência reveste-se de novos desafios aos professores, como a necessidade de lidar com as distintas capacidades de aprendizagens dos estudantes, requerendo do docente a capacidade de

mobilizar conhecimentos e motivar os estudantes para propiciar as aprendizagens (Ventura et al., 2011).

Porém, todos os desafios apresentados ao professor, por vezes, podem desconsiderar que “o professor é uma pessoa, e, como tal, tem emoções, sentimentos; tem defeitos e virtudes; tem falhas e capacidades. O professor não é e nunca será perfeito, pelo simples motivo de que é um ser humano, com todas as complexidades inerentes à sua condição de comum, de mortal” (Fernandes, 2017 p.29). Entretanto, sem desconsiderar sua humanidade, o professor não pode se afastar de sua profissionalidade enquanto docente. Nóvoa (2009 p. 30, 31) elencou uma série de pontos essenciais que um bom professor deve apresentar:

1. O **conhecimento**: [...] o trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem;
2. A **cultura profissional**: ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes [...]
3. O **tato pedagógico**: [...] saber conduzir alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos [...]
4. O **trabalho em equipa** [...]
5. O **compromisso social**: [...] educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade [...], comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do ethos profissional docente.

Essas características ao “bom professor”, apontados por Nóvoa (2009), perpassam dimensões práticas do trabalho docente, como o conhecimento sobre o conteúdo e o trabalho em equipe, mas também abraçam dimensões mais humanísticas como o tato pedagógico e o compromisso social.

Para os alunos, todas essas dimensões não são facilmente observáveis do ponto de vista formal, em contrapartida, essas dimensões são intuídas pelos estudantes a partir do que se experiencia em sala de aula, no dia a dia ao lado do professor. São essas vivências - muito mais que qualquer postulado - que formarão a visão dos alunos sobre o “bom professor.”

Freire (1997 p. 42), em sua obra *Professora sim, tia não*, traz o que para ele são as virtudes de um “bom professor.” Diferentemente de Nóvoa, Freire (1997) aponta as virtudes do “bom professor” de forma bem mais tangível. Essas virtudes, para Freire, são as seguintes: “a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal”.

Rubem Alves (1981 p. 27) faz uma diferença entre o professor e o educador, para ele o professor é um funcionário do sistema, tendo sido dominado por este. Já o educador, “o educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos.” Alves (1981) finaliza refletindo que talvez não seja possível preparar um educador, sendo apenas preciso que este desperte. Entendemos que as visões de Paulo Freire e Rubem Alves são convergentes em relação ao que é um “bom professor” ou educador. Ambos enxergam que exercendo o magistério com humanidade o professor/educador poderá ser a mola que despertará em seus estudantes muito mais que interesse pelos conteúdos, despertará neles também interesse pela vida.

Seguindo o pensamento de Rubem Alves, muito facilmente cada um de nós seria capaz de citar um educador com que teve a oportunidade de conviver, certamente podemos, e assim, faremos narrando um episódio que ajudou a formar nosso entendimento do que é ser “um bom professor”. Na próxima seção, apresentamos, a partir da experiência da autora principal do texto, as virtudes de um “bom professor”.

METODOLOGIA

A matemática do afeto do professor Hebert³

Não tenho sólida em mim a certeza do momento em que decidi seguir a carreira docente. Cresci num ambiente onde todas as minhas referências femininas eram professoras. Das minhas lembranças mais antigas, está uma coleção de momentos em que via minha mãe preparar enfeites para sua sala de aula, ou, de eu estar ajudando-a a fazer lembrancinhas para as crianças. Lembro-me de pensar que aquele nível de atenção era admirável. Não tinha ainda a capacidade de formular um pensamento mais profundo sobre o nível de dedicação, cuidado e intencionalidade que minha mãe colocava em cada um daqueles enfeites.

Como vinha dizendo, antes desse devaneio sobre a infância, não tenho certeza sobre o momento em que optei pela docência, mas há algo que tenho certeza: o momento em que pensei: “Meu Deus, como um professor pode fazer diferença”. Vou narrar este momento, mas antes preciso dar o contexto da situação ao leitor.

³ Esta seção apresentará a carta escrita pela autora do texto. Neste sentido, considerará a primeira pessoa do singular.

O ano em questão era 2008, eu era então aluna do CEFET (atual IFRN). Estava no meu segundo ano do curso técnico em agroecologia. Como aluna bolsista que fui durante todo o meu ensino fundamental, já estava acostumada a buscar sempre notas altas (critério para manter a bolsa), então, ter que estudar nunca me assustou. Mas, até aquele ponto, o ato de estudar nunca havia sido pelo professor, era sempre por mim, pelos meus objetivos.

Eu tinha muito orgulho de ser aluna do CEFET, para mim era fundamental manter boas notas, participar de todos os eventos, viver aquela experiência ao máximo. Um dia, um professor novo chegou, a disciplina dele era matemática. Eu lembro tanto da energia dele.

Este professor também havia sido aluno do CEFET, ele sempre contava histórias dos momentos bons que viveu dentro daqueles muros. Falava que deveríamos ter orgulho daquela camisa, que estávamos em um lugar de privilégio e que tínhamos chegado lá por mérito.

De imediato já me senti compreendida, era exatamente isso que eu sentia. Ele tinha tanta energia, tomava bastante café também (talvez por isso tanta agitação), parecia um artista em um palco, ocupando todos os espaços, prendendo todos os olhares. Lembro da impressão profunda que aquilo causou em mim, como poderia alguém conseguir com tanta facilidade reter a atenção de adolescentes e para uma disciplina tão estigmatizada como é a matemática?

Ao fim de cada aula, eu precisava sempre pegar o caderno de algum colega para poder copiar a matéria, eu ficava tão vidrada nele, nos gestos, nas histórias, que esquecia totalmente de copiar os conteúdos.

Muitas vezes, eu pensava como deve ser legal ser um professor, esse pensamento me vinha sempre ao pensar nele. Ele estava sempre inteiro nas aulas, sempre disponível, sempre atento a cada um de nós. Eu achava incrível ter um professor que era tão próximo a nós, que estava conosco no almoço, que falava sobre equações com a mesma empolgação que falava de futebol.

Neste período eu comecei a viver os primeiros dramas adolescentes, namoros, crises existenciais, problemas com os pais, enfim todas essas “dores” das quais o adolescente padece. As aulas dele eram sempre um bálsamo, eu sabia que iria rir, ouvir conselhos, e que o tempo ia voar.

Eu já destaquei que sempre fui uma aluna de excelentes notas, nunca havia tido problemas em matéria alguma, me dedicava aos estudos e sempre me saía bem. Quando

o ensino médio chegou, talvez pela quantidade de conteúdos, pelas questões emocionais, pelo trabalho, ou tudo isso junto, vi minhas notas caírem em algumas disciplinas. Principalmente física e justamente matemática.

‘ Naquele momento (e por muitos anos ainda), eu não sabia que tenho uma condição chamada Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, no meu caso, com ênfase na desatenção. Apenas descobri esta condição esse ano após o diagnóstico do meu filho de Transtorno do Espectro Autista. É natural que após o diagnóstico de um filho, os pais também se investiguem devido ao componente hereditário do transtorno.

Mas, voltando a história central que estou tentando contar aqui, quanto mais abstratos os conteúdos se tornavam, mais eu precisava estudar para conseguir acompanhar a turma. O TDAH, embora não seja um transtorno de aprendizagem, pode dificultar o processo de aprendizagem já que a capacidade de foco está comprometida. Disciplinas como biologia, história ou português eu consegui ir para os livros, ler e reler até conseguir absorver. Com matemática eu não conseguia fazer isso.

Lembro que próximo ao fim do ano letivo começamos um conteúdo chamado Matriz e Análise Combinatória. Como eu achava doloroso aquilo, minha atenção se perdia e por mais que eu lesse o livro didático em casa, eu não conseguia entender. Conceitos abstratos podem ser bem difíceis para pessoas com TDAH. A minha dificuldade naquele momento estava abalando sobremaneira minha autoimagem, das poucas certezas que tinha sobre mim naquela altura da minha vida, era a de que eu era uma boa aluna.

Durante as aulas, eu pedia para que o professor explicasse de novo e de novo, ele jamais se negou, e usando giz colorido, tentava me fazer entender.

Então, chegou o período das avaliações bimestrais. Quando eu recebi a prova e comecei a ler, vi que o conteúdo era justamente aquele que eu temia. Durante um bom tempo eu fiquei olhando para aquele pedaço de papel e me sentindo tão pequena diante dele que precisei segurar o choro.

Em um determinado ponto eu desisti. Junto com meu nome, escrevi um pedido de desculpas ao professor, mas, não tinha nenhuma resposta para as questões. Entreguei a prova e saí da sala.

Na semana seguinte recebemos as provas. Eu não entendi quando vi um “6” escrito na minha prova, aquilo não podia estar certo. No fim da aula, eu fui até o professor e falei que ele tinha se equivocado, que aquela não era minha nota.

Ele me respondeu que conhecia cada um dos alunos dele e que se ele escrevesse “0” ali, era por aquele 0 que eu iria me avaliar. Ele me disse que aquilo era só um número e que por ser só um número não era capaz de medir uma pessoa e que confiava que eu faria melhor depois.

O momento em que cheguei a minha consciência que eu queria ser professora vai continuar um mistério, mas, enquanto escrevo este texto lembro-me das palavras de Freire (1997) que afirma que à medida que pensamos sobre algo vamos nos apropriando das significações mais profundas daquilo sobre o que pensamos. Então, agora vejo que o tipo de professora que eu queira ser foi decidido naquele momento. Por isso, professor Hebert, saiba que as lições que o senhor me deu me balizam até hoje e que em qualquer sala de aula que eu entrar, um pouquinho do senhor estará lá comigo, obrigada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se chega ao momento de escrever os resultados e discussões de um texto, o que se espera dos autores é que sejam capazes de apresentar um condensado do conhecimento que se produziu ao longo do texto. Aqui, porém, apresentar esse fechamento é, por si só, um desafio.

Isto é dito porque durante as buscas na literatura sobre o que é ser um “bom professor” e quais são as virtudes deste profissional, não foi possível observar uma definição única, longe disso. Os autores consultados construíram noções sobre o “bom professor” mas, nenhum deles foi taxativo quanto a isso. Vimos Nóvoa apresentar elementos que são fundamentais à prática docente, elementos que perpassam o domínio do saber científico mas, que também dizem sobre o trato com as pessoas.

Vimos Rubem Alves falar das potencialidades dos professores enquanto agentes transformadores na vida dos estudantes, sendo capazes de desnudar novos mundos perante os olhos destes. E, vimos Paulo Freire pontuar uma série de elementos que são, para ele, parte do que compõe um bom professor.

Aquilo que não vimos em nenhum momento foi uma fala incisiva que nos dissesse por exemplo: se você somar os elementos A, B, C você terá um bom professor. Neste ponto, voltamos a Alves quando este disse que talvez um bom professor precise apenas ser despertado, dispensando formação. O fato é que a busca inicial sobre a caracterização de um bom professor ainda está em aberto.

Durante a escrita deste trecho chega a dúvida se há, de fato, a necessidade de que se formule uma noção irrefutável sobre “do que é feito um bom professor”. No momento em que essa definição exista, será um ponto sem retorno, nenhum estudante poderá sozinho, seguindo suas sensações, creditar a um determinado docente a alcunha de bom professor. Li em algum lugar uma frase de Luis Valensi que dizia “a certeza seria fatal. É a incerteza que dá encanto aos fatos”. Talvez, quando o assunto for as virtudes de um bom professor, o melhor caminho seja o da incerteza, ela irá permitir que muitos “bons professores” surjam todos os dias, uma vez que é na subjetividade do olhar do aluno que o alicerce do bom professor será forjado.

Já que abrimos espaço para a subjetividade do olhar do aluno, me coloco aqui na condição de aluna para trazer o que fica pra mim após a escrita deste texto. Escrever sobre a experiência que vivi com professor Hebert, agora sob a luz dos autores que tentaram descrever o que faria de alguém um bom professor me fez perceber nele e em sua prática elementos que os autores consultados na escrita deste trabalho considerariam como características de um “bom professor”.

Paulo Freire (no trecho já citado) aponta a **amorosidade** como uma das características de um bom professor, creio que isso nunca faltou ao professor Hebert, como nunca faltou atenção aos estudantes e a suas necessidades. Também nunca lhe faltou entusiasmo ou **humildade**, acredito que isso fica claro quando cito que além de dar aulas, ele conversava com os alunos durante as refeições sobre futebol, com a mesma energia, inclusive.

Freire também fala em **competência**, entendo que a competência a qual Freire se refere tem o mesmo viés que o **conhecimento** mencionado por Nóvoa e já abordado neste texto. Está relacionado ao saber acadêmico, ao chamado domínio de conteúdo, também sinalizado como sendo uma das virtudes do professor Hebert na segunda seção do texto.

Um outro sentido de Nóvoa que trago é o **tato pedagógico** que se refere precisamente a didática, a capacidade de fazer-se entender pelos alunos. Mencionei que o professor Hebert sempre se mostrou preocupado em saber se estávamos acompanhando o conteúdo, e que repetia e repetia N vezes um mesmo assunto até que o aluno se sentisse confortável para prosseguir. Isso para mim, é **tato pedagógico**, e é também a **paciência** trazida por Freire.

Há ainda mais um ponto que gostaria de destacar, um ponto que traz apontamentos que convergem tanto com as falas tanto de Freire, quanto com as falas de

Alves e Nóvoa. Quando narro sobre a nota que deveria ter atingido na prova escrita que fiz e a nota que o professor atribuiu para mim, vejo ali alguns elementos, vejo a **coragem** apontada por Paulo Freire, uma vez que o professor atribuiu a mim uma nota a qual, objetivamente, não fiz jus de fato.

Vejo também o **compromisso social** de Nóvoa. O autor fala que a ideia de compromisso social tem relação com a capacidade de levar os alunos a ir além dos lugares aos quais eles julgavam pertencer. Percebo também o que Rubem Alves falou sobre ser o educador um “mediador de mundos, fundador de projetos”. No evento narrado, explico que o professor me falou que a nota que ele “deveria” atribuir à minha avaliação poderia me fazer duvidar de minha capacidade. Hoje percebo que ele, muito provavelmente, estava certo. Sem medo de parecer melodramática, não acredito que tivesse seguido pelos mesmos trilhos que me trouxeram a este lugar que ocupo hoje se aquela avaliação estivesse de fato com um numeral vazio (0) escrito nela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todas essas reflexões vejo que sim, eu estava diante de um bom professor não importa se nesse conceito de “bom professor” estou considerando apenas as minhas percepções enquanto aluna ou se levo em conta um pouco do que a literatura traz sobre ser um “bom professor”. Mas, principalmente, eu estava diante de um professor que baliza a minha prática profissional até hoje.

Gostaria de finalizar me remetendo a Rubem Alves novamente com um pensamento que sintetiza exatamente o que a minha experiência com meu “bom professor” me causou. Alves (2000, p.5) disse: “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra”.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 6.ed. Campinas: Papirus, 2000

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1981

CÂNDIDO, C.M. et al.. A representação social do “bom professor” no ensino superior. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 356–365, maio 2014.

CUNHA, A. C. Representação do "bom" professor: o "bom" professor em geral e o "bom" professor de educação física em particular. **Educação em Revista**. v.11 n.2., p. 41-52, 2010 Acesso em 15 de junho, 2024, em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/2320/1905>

FERNANDES, D.P.A. **Conta-me histórias - o que pensam os alunos sobre o "bom professor"**. 2017. 138 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/108409/2/226322.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FREIRE, P. **Professora, sim; tia, não**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NÓVOA, A. **Professores Imagens do Futuro Presente**. Lisboa: Educa, 2009.

VENTURA, A.A. *et al.* "O Bom Professor" - opinião dos estudantes. **Rev. Enf. Ref.** n. 5., p. 95-102, 2011. Acesso em: 25 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3882/388239964018.pdf>